

Retalhos

Jorge Marques

Retalhos

#profissa


oficina

© Jorge Marques, 2019
© Oficina Raquel, 2019

Editores

Raquel Menezes
Evelyn Rocha
Luis Maffei

Revisão

Oficina Raquel

Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens

Leandro Collares

Imagens da capa

Polaroid Frame - Nathanael Arias
Flex Lines Backgrounds – GarryKillian
Fotografia de capa - rawpixel.com

DADOS INTERNACIONAIS PARA
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Marques, Jorge. Retalhos. Jorge Marques – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
148 p. 13 cm x 18 cm.

ISBN 978-85-9500-044-5

1. Ficção 2. Narrativa Brasileira

CDD 808.899282



oficina

www.oficinaraquel.com.br

@oficinaeditora

oficina@oficinaraquel.com

Este livro é dedicado à querida Gisela Vianna.

#profissa

Adolescência e Trabalho numa coleção potente

Adolescência, essa fase tão complexa pela qual todo indivíduo passa, é um misto de dor, alegria, angústia, autoconhecimento e contradições. Se já não bastassem todas as transformações físicas e psicológicas vividas pelos sujeitos, é também a fase em que a sociedade estabelecida determina: chegou a hora de escolher a profissão! Nesse sentido, a pergunta quase lúdica que nos é feita quando criança – “O que você quer ser quando crescer?” – toma ares de verdade e determinação: é chegada a hora de escolher o que vamos “querer ser”, ainda que não tenhamos crescido de todo ainda.

Em #profissa, o leitor vai acompanhar esse dilema tão fundamental no cotidiano adolescente a partir de narrativas absolutamente tocantes. São histórias com as quais certamente cada um de nós nos identificamos, pois passaremos ou passamos por situações semelhantes vivenciadas pelas personagens. Esse, aliás, é um elemento importante da série: em todos os livros, os autores optaram por contar as histórias “do lado de dentro”, quer dizer, a partir da ótica dos jovens. Sem que, necessariamente, essa opção narrativa passe pelo uso da 1ª pessoa do singular, certo é que podemos notar com clareza que os autores adotam uma relação empática com os adolescentes em questão. Desse modo, ainda

que as angústias do cotidiano insistam em visitar as personagens, o tom realista dado aos textos em nenhum momento apela para a dramaticidade ou a pieguice. Pelo contrário, em #profissa, os leitores encontrarão histórias de adolescentes nas quais o drama maior é ditado pelos fatos que povoam o dia-a-dia das personagens: o amor perdido, a relação complicada com os pais, as dificuldades financeiras, o enfrentamento de preconceitos.

A série #profissa, portanto, trata de profissões, mas trata também de vida. E, como já dizia Gonzaguinha, "vida é trabalho".

Boa leitura!

Jorge Marques,
curador da coleção #profissa



Primeira Parte

No escuro

Gabo abriu vagarosamente a porta, esforçando-se para evitar qualquer barulho que o denunciasse. Em vão. As dobradiças velhas insistiram em ranger molemente, deixando-o assustado. Olhou para trás. Ninguém. Tomou coragem e, esgueirando-se, entrou no cômodo. Outro rangido, outro sobressalto. Lá dentro, foram necessários vários segundos para que seus olhos se acostumassem à escuridão. Tateando, foi-se aproximando de seus alvos. Era difícil reconhecer algo em meio à profusão de objetos, mas, aos poucos, conseguiu distingui-los: a tesoura grande, o pote com agulhas e os tecidos, claro. Esses eram mais difíceis de se distinguirem pelas cores, dado o breu, por isso o tato foi fundamental para a sua escolha.

Depois de pegar tudo o que era necessário, dirigiu-se ao mesmo espaço pelo qual havia entrado. Espantou-se levemente ao sair do quarto, fosse com a luz, fosse com a facilidade com que tinha invadido o lugar... E só então se deu conta! As linhas! Faltaram as linhas! Levemente contrariado, porém agora com mais coragem, entrou novamente e, com alguma dificuldade, encontrou as linhas de que precisava. Sorriu de si para si mesmo ao pegá-las e

voltou-se novamente em direção à porta. E então estancou, com um frio na espinha. O pai estava em pé, de frente para ele. O perfil corpulento e pesado era marcado pela iluminação externa. Mesmo no escuro, Gabo identificou o brilho furioso que vinham de seus olhos. O homem aproximou-se do rapaz, que sentiu involuntariamente as pernas tremerem. “Agora você vai ver”, disse o pai, a voz alterada. Tirou vagarosamente o cinto da calça apertada. E Gabo sabia exatamente o que iria acontecer.

Cores

Mal o professor deu por encerrada a aula de Química, Gabo arremessou atabalhoadamente todo o material que estava em cima de sua mesa dentro da mochila. Em geral, aquela matéria era aborrecida e arrastada, mas, naquele dia, a monotonia havia chegado às raias do insuportável. Prova disso foi que, ao terminar o suplício, a turma se dividiu em duas atitudes: metade reproduzia exatamente o gesto de Gabo, querendo sair o mais rapidamente possível da sala, como a exorcizar duas horas da mais profunda chatice, enquanto o restante dos alunos pisca-piscavam, meio fora de órbita, acordados do sono em que estiveram mergulhados.

Thaís estava no segundo grupo, e foi necessário um chacoalhão mais forte para que ela acordasse: “Acorda, anda!”, Gabo balançou-lhe o braço. “Acabou a aula de Química”, insistiu. A amiga deu um longo bocejo e se espreguiçou lentamente, deixando-o exasperado. “Tchau, Thaís, tô indo. A gente se vê no ateliê”, falou o

rapaz, já seguindo em direção à porta. Com passos rápidos e resolutos, subiu os quatro lances de escada que o separava daquilo que costumava chamar de oásis.

Na verdade, o "oásis" era o ateliê de moda: um anexo da sala de Artes do colégio, uma espécie de puxadinho ampliado. Começara ao fundo da sala, do lado direito, resguardado por alguns biombos, mas, aos poucos, dado o volume de trabalhos e produtos, a direção resolveu abrir uma parede para dar conta de tudo o que ali se produzia. No momento, o ateliê consistia já em um espaço totalmente independente e os que ali trabalhavam tinham privacidade o suficiente para criar, elaborar e fabricar os modelos. Apesar disso, ainda era necessário passar pelo ambiente principal até alcançá-lo, e foi exatamente o que Gabo fez, cumprimentando antes rapidamente o professor Davi que, terminada a aula de Artes com os pequenos, preparava-se para voltar com os alunos para a sala da turma.

Ao entrar no lugar vazio, o rapaz logo foi procurar sua pasta. Queria terminar a ideia de um croqui que havia começado havia dois dias. Nesses momentos, Gabo, frequentemente considerado uma pessoa dispersa, magicamente se concentrava: e as horas viravam instantes; e o prazer da criação dos modelos que emergia da ponta do lápis fazia-o um deus, cuja onipotência, ainda que passageira, era arrebatadora. Daquela vez, entretanto, ele não pôde aproveitar por muito tempo o sossego; era a hora, ele sabia, em que todos os membros do grupo se reuniam para discutir os projetos de moda. Na verdade, o grupo era pequeno: apenas seis pessoas, incluindo ele e Thaís,

a amiga inseparável. Entre os demais participantes, todos eram do sexo feminino; Gabo, o único rapaz, era paparicado pelas colegas, nas quais podia enxergar um porto seguro de proteção e carinho.

Thaís entrou após as demais alunas, se arrastando molemente. Parecia ainda não ter se recuperado totalmente do massacre da Química. Trazia um pacote de biscoitos na mão, o que denunciava ter passado na cantina no intervalo das aulas.

– Cadê a Lu? – ela perguntou, bocejando.

Lu era a professora Luana, que coordenava o grupo. Mais que professora, era musa, mãe, conselheira, psicóloga... Múltiplas funções acumuladas a partir da criação de um projeto que começara tímido, como mera atividade de extensão, e que dera frutos surpreendentes.

– Tá chegando... – respondeu Paola, outra aluna-admiradora de Luana.

E estava mesmo, como denunciava o barulho dos sapatos de salto altíssimos que a professora, no afã de disfarçar sua baixa estatura, sempre usava. Bastaram mais alguns momentos para todos sentirem o cheiro do perfume chegar antes mesmo de Luana. Sim, ela estava chegando!

– Bom diiiiiia, meninas e menino! – era sempre assim que ela dizia ao chegar, e dessa vez não foi diferente.

Entre um e outro "oi, profe!" e alguns beijos, Luana foi acomodando todo o volumoso material que trazia: duas bolsas, várias pastas, envelopes.

– Mas que lindo, Gabo! Meninas, vocês já viram essa lindeza de modelo que o Gabo está desenhando? – disse a professora, exibindo a criação do aluno.

O rapaz não conseguia disfarçar o orgulho. Sabia que aquele era um de seus melhores projetos. E, se Luana estava dizendo, é porque estava realmente bom: embora delicada e amorosa, a professora avaliava com rigor as criações do seu grupo. “É pro bem de vocês e pra qualidade do projeto”, ela dizia, quando algum de seus pupilos reclamava do nível de exigência que mantinha.

A reunião começou, com atropelos, por vezes moderados pela professora, orientações, auxílios mútuos. Além de Gabo, Thaís e Paola, o grupo tinha ainda as irmãs Milena e Marcela, além de Camila, que faltara aquele dia:

– Mas logo hojea Camila não veio? O que aconteceu? – perguntou a professora.

O rapaz mostrava-se inquieto; apesar de adorar aquela serena confusão, sentia-se ansioso por continuar o croqui. Não deu. Eram muitas informações, combinados e avisos. Gabo pôs o desenho na mochila; iria continuá-lo em casa.

– E, pra terminar, meninas e menino... Eu estava em dúvida se falava hoje pra vocês, se deixava pra semana que vem... Mas está quase tudo confirmado, e eu não aguento de tanta ansiedade... Bom, depois a gente conta também pra Camila, tá?

Tanto suspense calou automaticamente os alunos. Mas a notícia devia ser boa, como revelava o semblante sorridente de Luana.

– Vocês já sabem que o Mazzini Kelan vai estar mês que vem aqui no Rio, né?

Claro que todos já tinham conhecimento disso. Kelan era o mais novo furacão da moda internacional, o queridinho das revistas, dos modelos, do universo fashion. Tratava-se de um estilista italiano de origem senegalesa que tomara de assalto as passarelas nos últimos quatro anos e tornara-se incontornável nas referências da área, em vista de todos os aspectos inovadores de suas propostas: uma verdadeira Madame Chanel do século XXI!

– O que vocês não sabem ainda, porque eu fiz segredo, é que tia Lu conseguiu convites pra gente assistir ao desfile dele! Ali, ó! Ao vivo! Não é primeira fila, mas tá valendo, né, gente?

Se estava valendo? Foi um alvoroço só. Gritos, euforia e muitos beijos e abraços na professora, que, depois da confusão, explicou:

– Uma amiga minha está na produção do desfile e, desde que vazou a notícia de que ele vinha ao Rio, eu fiquei enchendo o saco, sendo cara de pau, inconveniente... Telefonei, mandei mensagens quase todo dia. Acho que ela resolveu arrumar os convites só pra eu parar de escrever nas redes sociais dela.

– Mas Lu, vai ter convite pra todo mundo? – era uma das irmãs perguntando.

– Claro, Marcela... Ou vão todos ou ninguém vai, né? Não dá pra levar alguns e deixar os outros na mão. Amanhã ou, no máximo, daqui a dois dias, eu passo no escritório da produção, tomo um café com minha amiga e pego os convites.

Assistir a um desfile de Mazzini Kelan no Brasil! E pessoalmente! Aquela notícia inesperada era a realização de um desejo que os alunos nem podiam dizer que tinham, pois sequer ousavam tê-lo. Era algo histórico, e eles fariam parte daquilo! Aquele foi um final de manhã realmente festivo.

Reunião terminada, Gabo e Thaís ficaram ajudando a professora a arrumar o ambiente. As outras moças do grupo tiveram de sair rápido porque fariam um teste dali a pouco. Luana aproveitou um momento de silêncio entre os três e, num tom meio constrangido, começou a dizer:

– E... Gabo... A gente tem que conversar... Podemos aproveitar que a Thaís está aqui, e vocês dois são os melhores amigos do mundo... Mas é porque, de novo, a direção recebeu um comunicado da sua família desautorizando a sua participação no grupo de moda.

Gabo e Thaís se olharam surpresos.

– Mas eles não sabem... Não sabem, né, Thaís? Pra todos os efeitos, eu saí oficialmente no ano passado.

– Lindinho, eu sei que você saiu no papel, mas eu sei que você continua vindo aqui, eu sei que a orientação pedagógica do colégio faz vista grossa, que a direção faz vista grossa... E eu sei que todo mundo sabe que você frequenta o ateliê de moda. Então pode ter vazado alguma coisa. Não concorda que é muito estranho esse bilhete surgir do nada na mesa da orientadora?

Gabo baixou os olhos. Logo agora que ele pensava que toda a tempestade já tinha passado, que os pais nem pensavam mais no assunto... Vinha essa notícia!

Thaís olhava para o amigo, apreensiva:

– Relaxa, Gabo... Oficialmente, você não está mais no grupo, não tem como eles saberem.

– Só fiquei preocupada também por causa do desfile... – disse a professora, medindo as palavras.

Mas, depois de um suspiro, continuou:

– É de noite, é fora da escola, você tem dezesseis anos, é menor de idade. Talvez você não possa ir, meu querido.

Gabo se controlou, porque a vontade de chorar era forte. Parecia que tudo só piorava. Eram os pais, era a escola, era o vestibular, eram os desenhos...E era a vergonha de estar ali, causando problema para a professora que, no final das contas, só queria lhe ajudar. O rapaz suspirou:

– Pode deixar, professora. Eu vou dar um jeito.

Cinzeno

Depois que Gabo e Thaís saíram do ateliê, a professora Luana consultou seu celular, apreensiva. Cinco chamadas perdidas. Àquela hora certamente Milton já estava em casa. A entrevista devia ter acabado.

Retornou o telefonema uma, duas, três vezes. Nada. O marido não atendia. Prevendo o que tinha acontecido, resolveu ligar para casa. Também não houve resposta.

Havia ainda poucas coisas a serem guardadas. Luana colocou-as desordenadamente dentro de um arquivo. Ao abrir a gaveta, não pôde deixar de notar que suas mãos tremiam fortemente. “Tenho que me acalmar”, ela pensou. Mas como? O melhor era ir logo para casa e enfrentar a situação.

Apagou as luzes, trancou as portas do ateliê e da sala de Artes. Foi andando apressadamente pelos corredores. Já no térreo foi abordada por Camila, a aluna que não havia ido à reunião:

– Professora, oi! Tem um minuto pra mim?

– Camila, o que aconteceu? Por que você não foi à reunião do grupo hoje?

Na face da aluna, a ansiedade estava estampada. “Será que eu estou assim também?”, perguntou-se Luana.

– Estava precisando conversar... – falou a jovem.

A professora teve a tentação de escutar o que a aluna tinha a lhe dizer. Mas logo lembrou: Milton! Não, não havia tempo a perder:

– Querida, tô com uma urgência em casa, viu? Amanhã sem falta a gente conversa! Olha, tenho ótimas notícias. Pergunte aos colegas do grupo de moda! – Luana foi falando sem parar de caminhar.

Felizmente, o automóvel estava numa das vagas mais próximas do estacionamento e, por isso, a professora não perdeu muito tempo na caminhada. A apreensão tomou de vez conta dela. Teve dificuldade em encaixar a chave na ignição. “Se continuar assim, eu vou acabar batendo esse carro. Tenho que me acalmar. Tenho que me acalmar. Tenho que me acalmar”. Com esse mantra mental, foi

dirigindo pela cidade. Tenho que me acalmar. Tenho que me acalmar. Tenho que me acalmar. Mas o trânsito não ajudava. Tenho que me acalmar. E o menino da bolinha de tênis insistia em pedia um trocado. Calma. E o carro da auto-escola morria na sua frente e lhe fazia perder o sinal. Calma. E o táxi invadia a sua faixa para apanhar um passageiro apressado que o chamara. Calma. Calma. Calma.

– Tudo bem, Felipe? Sabe dizer se o Milton já chegou em casa?

– Seu Milton subiu faz um tempo já... – respondeu distraidamente o porteiro, separando as correspondências que o correio tinha trazido.

Ao entrar no apartamento, Luana estranhou o silêncio absoluto. Nem mesmo a cadelinha veio recebê-la em sua chegada, como era de costume. Milton não estava na sala, nem no banheiro. Ao abrir a porta do quarto, ela deparou-se com o que mais temia: deitado seminu, de bruços, o marido roncava alto. A garrafa de bebida ao lado não deixava dúvidas de que ele novamente não resistira à tentação.

Tomou um susto quando a cadelinha yorkshire finalmente apareceu, lambendo-lhe as pernas. Olhava para aquele homem e não sabia se sentia pena ou raiva. Talvez um misto dos dois sentimentos.

– Milton! Milton! – falava alto, balançando-lhe o corpo.

Olhou para o relógio: quase 14h. Era muito cedo ainda para apanhar o filho na creche, o que lhe deixou aliviada. Com dificuldade, arrastou o corpo pesado do marido para o boxe do banheiro. Abriu a ducha. Aos poucos, Milton foi acordando, ainda bêbado, resmungando algumas palavras. Quando se deu conta do que acontecia,